

A RESPEITO DA MUDANÇA HISTÓRICA NAS CONSTRUÇÕES PARASSINTÉTICAS /A...ECER/ E /EN...ECER/

Caio Cesar Castro da Silva (UFRJ)
caiocvianna@gmail.com

1. Introdução

Neste artigo, pretende-se fazer uma análise histórico-semântica de duas construções parassintéticas: /a...ecer/ e /eN...ecer/. Partiremos, então, de nossa hipótese primária de que uma das construções haveria se fossilizado, enquanto a outra teria se mantido produtiva ao longo da história da língua portuguesa.

Para alcançarmos nossos objetivos, foram feitas análises baseadas em *corpora* informatizados do português e em testes de aceitabilidade com falantes da faculdade de Letras da UFRJ. Além disso, com base nos postulados da teoria da metáfora, observaremos a polissemia das palavras.

2. A parassíntese

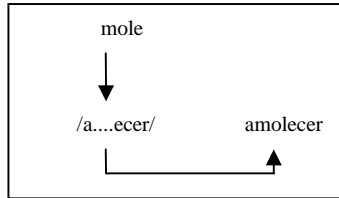
A parassíntese é, tradicionalmente, definida como a anexação simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base (CUNHA & CINTRA, 2007; LIMA, 2008; CÂMARA JR., 1975). Dessa forma, vocábulos como *amanhecer* e *emparedar* são analisados como nos moldes em (1):

- (1) a + manhã + ecer → amanhecer
e/N/ + parede + ar → emparedar

Percebe-se, a partir das estruturas em (1), que o fator simultaneidade é aplicado com a adjunção dos afixos à base em um nível, e não em dois. Esse fator distingue formas como as citadas em (a) de outras como *prefixar*, em que o prefixo e o sufixo não são incorporados à base ao mesmo tempo (*prefixo* e *fixar* coexistem).

Alguns autores, como Silva & Koch (2005) e Henriques (2007), defendem que o processo seria mais bem analisado em ter-

mos de circunfixos, que podem ser definidos como uma unidade de expressão desmembrada para a inserção de outra forma (GONÇALVES, 2005). O esquema em (2) ilustra o processo derivacional que ocorre com a inserção da base entre as frações do circunfixo.



(2) esquema da circunfixação

3. O corpus e hipóteses

O levantamento de dados foi feito nos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio, tendo sido considerados os circunfixos /a...ecer/, formador de verbos como “amadurecer” e “anoitecer”, e /eN...ecer/, que forma verbos como “enriquecer” e “enlouquecer”. Dos 47 vocábulos encontrados, 77% eram iniciados por e/N/-, enquanto apenas 23% apresentava o prefixo a-.

Observou-se, também, que muitos dos vocábulos, embora fossem formados por morfemes descontínuos diferentes, apresentavam a mesma base, como nos pares em (3). Para saber se os dois vocábulos dos pares são reconhecidos, fez-se uma consulta informal a falantes nativos do português, que revelou uma forte preferência pelos verbos iniciados por e/N/-.

(3) *abrutecer X embrutecer, abranquecer X embranquecer*

Os vocábulos em (3) veiculam o mesmo significado: o primeiro par significa, de acordo com o dicionário Houaiss, *tornar-se bruto*, e o segundo, *tornar-se branco*. Com base nessas informações, pôde-se formular as hipóteses de que (i) o não-reconhecimento de /a...ecer/ pelos falantes e sua baixa produtividade seriam indícios de fossilização morfológica, (ii) a construção /eN...ecer/, ao contrário, continuaria produzindo novos itens lexicais e (iii) os dois circunfixos seriam produtivos semanticamente, i.e., as palavras existentes no léxico passam por extensões de sentido.

Objetivando buscar indícios que corroborem as hipóteses descritas acima, serão feitas análises de dados em dicionários etimológicos do português e em textos históricos. Além disso, serão feitas considerações sobre os resultados de testes de aceitabilidade realizados com estudantes universitários.

4. *Análise histórica dos circunfixos*

Foram consultados alguns dicionários etimológicos, como Cunha (1999), Machado (1973), Nascentes (1955) e Silveira Bueno (1967), para confirmar a primeira datação registrada em textos escritos. Os primeiros vocábulos aparecem ainda no século XIII, enquanto os últimos são registrados no século XX. A distribuição dos itens pelo período analisado encontra-se na tabela 1, em que se verifica um período de concorrência entre os circunfixos que vai desde o século XIII ao século XVI.

Século	Frequência de /a...ecer/
XIII	6/14 = 43%
XIV	3/14 = 21%
XV	0/3 = 0%
XVI	2/3 = 67%
XVII	0/1 = 0%
XVIII	0/2 = 0%
XIX	0/6 = 0%
XX	0/2 = 0%
Total	11/45 = 24%

Quadro 1: datação dos vocábulos

Cabe ressaltar que não foram encontradas as datas de entradas de dois verbos (enfurecer e encalvecer). Percebe-se que, até o século XVI, o circunfixo /a...ecer/ formou novos itens, embora a quantidade de dados analisados não seja tão robusta. Ainda assim, verifica-se que a partir do século XVII nenhum novo verbo é registrado nos dicionários etimológicos, como pode ser visualizado no gráfico abaixo.

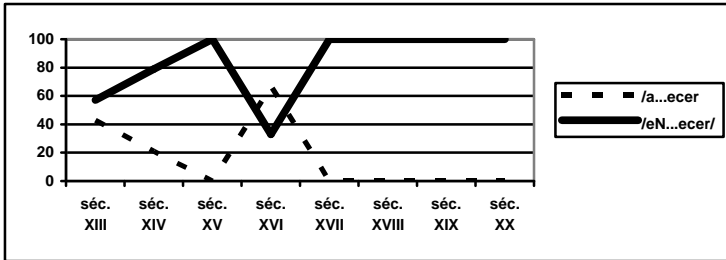


Gráfico 1: distribuição dos vocábulos nos séculos

Outro fator que ajuda a explicar a concorrência entre os circunfixos é a acepção dos prefixos. o prefixo *a-* tem como significado “aproximação; em direção a (base)”, enquanto o *e/N/-* tem o significado prototípico de “movimento sobre”, mas também pode significar “aproximação; em direção a (base)”. Todos os verbos encontrados que se assemelham aos pares em (3) são formados no período em que as construções estavam em concorrência, ou seja, entre os séculos XIII e XVI. Seguindo o princípio da economia linguística, que está relacionado à simplificação das formas da língua, um dos circunfixos resistiria à força do tempo e continuaria produzindo novos vocábulos, enquanto o outro se tornaria um fóssil morfológico.

Para verificar a compreensão dos falantes do português atual, aplicaram-se testes psicolinguísticos (cf. LIMA, 1999) a 23 informantes da Faculdade de Letras/ UFRJ. O objetivo dos testes era verificar se o falante nativo de língua portuguesa produziria palavras novas a partir da construção */a...ecer/* ou de */eN...ecer/*. Foram utilizadas formas inventadas para que o léxico internalizado de cada indivíduo influenciasse o menos possível os resultados. Exemplos dessas criações são: *anerdecet/enerdecet*, *abanguelecer/ embanguelecer*, *agatecer/engatecer*.

Os testes foram realizados individualmente para que não houvesse interferência nas respostas. Todos os entrevistados estavam cursando a graduação e tinham entre 18 e 25 anos. Foram realizados três modelos de testes para que se pudesse controlar uma maior quantidade de dados.

O tempo que o informante levava para julgar cada uma das palavras também foi contabilizado, já que evidenciaria a velocidade

com que cada informação é acessada no léxico do indivíduo. Dizendo de outra maneira, espera-se encontrar um tempo menor para as formas em /eN...ecer/, já que estaria disponível para fins de produção de novos itens lexicais. A contrário, as palavras de /a...ecer/ devem apresentar um tempo maior.

Foram controladas 18 formações parassintéticas e obtiveram-se 138 respostas, no total. O comportamento de cada uma das construções parassintéticas é descrito no gráfico 2.

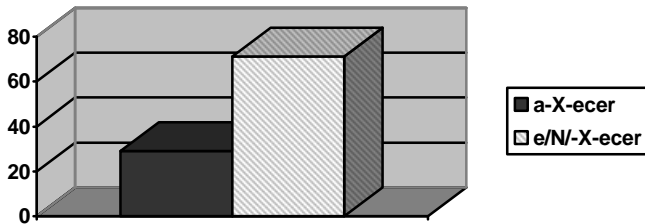


Gráfico 2: escolha dos circunfixos nos testes de aceitabilidade

Percebe-se, assim, que somente 29%, ou 40 respostas, foram para o circunfixo /a...ecer/, enquanto que /eN...ecer/ recebeu 71%, ou 98 respostas, de preferência dos informantes. O tempo médio para o processamento dos dados parassintéticos foi o seguinte: 9,2 segundos no teste 1; 8,02 segundos no teste 2; e 10,07 segundos no teste 3. O tempo médio total foi de 9,1 segundos. O tempo médio para cada construção parassintética é apresentado no quadro 2:

	Tempo Médio	
	a-X-ecer	e/N/-X-ecer
Modelo 1	10,4 segundos	8,3 segundos
Modelo 2	8,3 segundos	7,8 segundos
Modelo 3	10,3 segundos	9,5 segundos
Total	9,7 segundos	8,5 segundos

Quadro 2: resultado do tempo em relação aos testes

Cotejando os resultados, percebe-se que a média de tempo de /eN...ecer/ é bem inferior que a do outro grupo, assim como a média total de tempo revela uma grande discrepância: 1,2 segundos de diferença entre os dois dados investigados.

A partir dos resultados dos testes, pôde-se trazer à baila mais um indicativo de que a construção /a...ecer/ se fossilizou, uma vez que apresentou baixa escolha entre os falantes do português (29% contra 71% de preferência por /eN...ecer/), como também demonstrou um tempo maior de processamento cognitivo. Se fosse uma construção produtiva, teria tido resultados não tão expressivos na comparação com o outro circunfixo.

5. *A extensão de sentido: uma questão de polissemia*

Para mostrar que as palavras das duas construções ainda possuem extensões semânticas, será utilizado o aparato da linguística cognitiva, mais especificamente a noção de metáfora e de mapeamento.

Segundo a LC, a metáfora é entendida como uma operação cognitiva fundamental, ao contrário do que postula a tradição retórica. Lakoff & Johnson (2002) propõem que a nossa linguagem cotidiana é essencialmente metafórica, oferecendo uma alternativa experiencialista às perspectivas do objetivismo e do subjetivismo. Assim sendo, as palavras apresentam, comumente, extensões de sentido que não são aleatórias, mas motivadas cognitivamente. Sob esse enfoque, toda metáfora pode ser explicada por nossas experiências corporais ou interações com o meio. O espriamento de um domínio fonte (mais concreto) para um domínio alvo (mais abstrato) é fundamental para a estruturação semântica. Os mapeamentos de sentidos são, dessa forma, descritos por Sweetser (1990:30) como “*unidirecionais*: as experiências corporais são uma fonte de vocabulário para nossos estados psicológicos, mas não o contrário”.

Pode-se, assim, observar a metáfora TER CONTROLE É PARA CIMA; SER CONTROLADO É PARA BAIXO, que tem como exemplo (4), retirado do site Mídia News¹.

(4) Em MT, PSB ajuda a **enfraquecer** candidatura de Ciro.

Seguindo Lakoff & Johnson (2002), inferimos que há uma competição entre dois candidatos adversários e que, nesse confronto,

¹ <<http://www.midianews.com.br/?pg=noticias&cat=1&idnot=22103>>

PSB exerce controle sobre a candidatura de Ciro Gomes. Podemos concluir que o partido se encontra em uma posição superior em relação ao candidato. Isso é estabelecido a partir de nosso conhecimento de mundo, que apresenta a questão de ter controle sobre um oponente, como estando (a) na frente em um placar, (b) em uma posição à frente em uma corrida ou (c) acima, em uma luta corporal. Assim, nossa cognição atua metaforicamente e projeta esse significado para um debate, ou seja, uma competição eleitoral.

Outro exemplo é apresentado em (5), retirado do site Uol Música². Nesse caso, as ideias são conceptualizadas como entidades naturais, que podem sofrer o processo de maturação.

(5) “Eu escutei muitas músicas do Black Jones, Stevie Wonder, Michael Jackson, coisas lindas. Nós acabamos desviando a atenção de muitas coisas lindas que tinham. Eu com isto busquei *amadurecer* as idéias para fazer uma coisa simples e com bom gosto.” cantora Luciana Melo.

A metáfora IDEIAS SÃO ENTIDADES NATURAIS está relacionada à hipótese da corporificação, muito cara aos estudos cognitivistas. Pode-se citar Lakoff & Johnson (2002: 28) a esse respeito:

A mente seria “corporificada”, isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão não seria algo que pudesse transcender o nosso corpo: ela é também “corporificada”, pois origina-se tanto da natureza de nosso cérebro, como das peculiaridades de nossos corpos e de suas experiências no mundo em que vivemos.

6. Considerações finais

Espera-se ter apresentado evidências de que o circunfixo /a...ecer/ se cristalizou, enquanto o outro se manteve produtivo ao longo da história da língua. No mais, ambas as construções possibilitam a atuação de processos metafóricos que ampliam as acepções de cada uma das palavras.

² <<http://musica.uol.com.br/ultnot/2007/07/03/ult89u7727.jhtm>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico, prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

Em MT, PSB ajuda a enfraquecer candidatura de Ciro. In: *Mídia News*. Disponível em:
<http://www.midianews.com.br/?pg=noticias&cat=1&idnot=22103>
 Acesso em: 25 abr. 2010, às 14h20min.

FERREIRA, A. B. de H. *Minidicionário Aurélio*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1996.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva: 2001.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras e Educ, 2002.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LIMA, P. L. L. *Desejar é ter fome: novas ideias sobre antigas metáforas conceituais*. Tese de doutorado. São Paulo: UNICAMP, 1999.

Luciana Mello disse que faz CD para ser tocado nas rádios. In: *UOL Música*. Disponível em:

<<http://musica.uol.com.br/ultnot/2007/07/03/ult89u7727.jhtm>>. Acesso em: 03 jul. 2007 às 19h00min.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

SILVA, Augusto S. *O mundo dos sentidos em português*. Coimbra: Almedina, 2006.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez, 2005.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.